

# A LITERATURA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: “O ATENEU”, DE RAUL POMPÉIA, E OS IMPACTOS PSÍQUICOS DOS PROCESSOS VERBAIS

*Literature Serving Education : "O Ateneu", by Raul Pompeia and the Psychic*

*Impacts of Verbal Processes*

Adelcio Machado dos Santos<sup>1</sup>  
Ana Paula Carneiro Canalle<sup>2</sup>

Recebido em: 02 dez. 2013  
Aceito em: 13 dez. 2013

## RESUMO

Este artigo colima o escopo de, a partir do texto composto por Raul Pompéia intitulado *O Ateneu*, analisar e explicar que o gênero literário, romance, fornece abundante subsídio com capacidade de servir como fonte para pesquisa em Educação. O referido texto é considerado um dos livros mais importantes do Realismo brasileiro e versa sobre o personagem Sérgio, já adulto, que a partir de uma narrativa descreve sua experiência como aluno interno do Colégio Ateneu. Trata-se o romance de um gênero literário que tem como pressuposto representar a realidade, intercalando, na narrativa, características psicológicas e socioculturais da época em que foi escrito, contribuindo, a partir do estudo da linguagem, de forma eficaz, para agregar valor às pesquisas da Psicologia em Educação. Importante ressaltar que, na medida em que os atores envolvidos no processo de aprendizagem dispuserem de informações a respeito dos conteúdos, maiores serão as oportunidades de melhoramento das atividades pedagógicas. Evidenciando-se, destarte, o amplo valor heurístico dos estudos psíquicos para a Educação e a exigência de se efetivar maior simultaneidade entre a Psicologia e a Pedagogia pela sinergia, gerando maior eficácia cognitiva.

**Palavras-chave:** Literatura. Educação. Impactos.

## ABSTRACT

This article aims to analyse and explain the literary genre novel, based on the “O Ateneu” novel, written by Raul Pompeia, since it provides abundant material for research in education . The before named text is considered one of the most important books of Brazilian Realism and deals with Sergio as an adult character in a

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Gestão Educacional, em Psicopedagogia; e em Supervisão, Orientação e Administração Escolar. Docente e Pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Endereço: Rua Prof. Egidio Ferreira, nº 271, Apto. 303 – 88090-500 Florianópolis (SC) Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora e docente do Curso de Letras Trilíngue da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. Endereço: Rua Ladislau Liskievich, 254, Gioppo- 89500-000, Caçador (SC) Brasil. E-mail: anaccanalle@yahoo.com.br.

---

narrative that describes his experience as an internal student of the Ateneu School. The novels are a part of the literary genre that intends to show reality, merging into the narrative psychological and sociocultural characteristics of the historical period it was written. These factors, in addition to the study of language may effectively add value to searches of Psychology in Education. It is important to highlight that the more the parts involved on the educational process have information about the contents, the better developed will be the teaching activities. Importantly, to the extent that the actors involved in the learning process has information about the content, the greater the opportunities for improving educational activities. Thus, we evidence the broad heuristic value of psychic studies for Education and the requirement to conduct a closer alignment between Psychology and Pedagogy from the synergy, yielding greater cognitive efficiency.

**Keywords:** Literature . Education. Impacts .

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do conhecimento é sempre benéfico. Deve estar clara, para o pesquisador, a relevância de um tema que possa dirigir-se genericamente a três beneficiários: a sociedade, a ciência e a escola. Um tema tem relevância social quando seu desenvolvimento e suas conclusões acenam com uma contribuição direta para a sociedade. Isto é, ajudará a melhor encaminhar ou sanar uma necessidade social concreta.

A relevância científica é característica daquele tema que desenvolvido contribui para melhor esclarecer/resolver um problema detectado ou previsto no curso de um estudo ou pesquisa científica. Relevância acadêmica é característica do tema que desenvolvido contribui para o ensino/aprendizado a respeito de uma necessidade ou de um problema humano (SANTOS, 2005, p. 75).

Preleciona Mayer:

A maior riqueza de revelações psicológicas está acumulada em dramas, romances, poemas, autobiografias, onde aparece o homem real concreto na sua vivência irreduzível à observação exterior. E a literatura é confissão direta ou indireta, confidência ou lirismo

Destarte, pode-se utilizar a literatura, mormente os romances, para formação dos profissionais das licenciaturas. À guisa de exemplo, “O Ateneu”, da lavra de Raul Pompéia, pode fornecer clarificações acerca do impacto da escolarização na vidas pessoas.

No início do romance, o pai de Sérgio, passando a responsabilidade da

---

formação de seu filho à escola, adverte-o: “vá encontrar o mundo e tenha coragem para a luta”. Escola essa que tem em seu comando o Dr. Aristarco, profissional presunçoso, pleno de soberba e que tinha como objetivo principal o lucro. Alimentava o sonho de ver uma estátua (um busto) com a sua face. O narrador vai descrevendo seus desapontamentos, seus temores, suas dúvidas, refere-se à rígida disciplina, à descoberta da própria sexualidade e, também, das questões que nem sempre foram respondidas.

Sobre a linguagem, torna-se importante observar o enunciado de Nicola (2005, p.315), no qual afirma que Rousseau, no *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, assegura que a linguagem nasceu sob o estímulo das emoções, não da utilidade social, como sustentava Demócrito<sup>3</sup>, ou depois de uma planificação racional. Para resolver todos os problemas práticos da vida, bastam os gestos e as ações; é somente para significar o amor e o ódio que as palavras se tornam imprescindíveis. A primeira linguagem dos homens era, portanto, poética, expressiva, ligada aos estados de ânimo. Depois vieram as gramáticas: ganhou-se em clareza, mas perdeu-se em poesia.

## DISCUSSÃO

A Psicologia passa por uma crise. As suas teses mais radicais e fundamentais estão sendo revistas, razão por que na ciência e na escola reina uma grande confusão de ideias. Minou-se a confiança nos sistemas anteriores e os novos ainda não se constituíram a ponto de ousarem destacar de si mesmos uma ciência aplicada.

Vigotski (2004, p. XI) atenta que a crise na psicologia implica fatalmente crise também no sistema de psicologia pedagógica e sua reconstrução desde o início. Não obstante, nesse sentido, a nova psicologia é mais feliz que toda a sua predecessora, já que não terá de “tirar conclusões de suas teses e desviar-se quando deseja aplicar os seus dados à educação”.

---

<sup>3</sup> Contrariando a opinião dominante no mundo antigo, Demócrito afirma que as palavras são estranhas às coisas que representam e são sinais puramente convencionais. De fato, nas diversas línguas empregam-se nomes diferentes para indicar o mesmo objeto. Pela primeira vez da história, coloca-se a tese do convencionalismo linguístico: as palavras não possuem, em si, como som, nenhum significado; são puras convenções que adquirem sentido somente pelo uso comum com base no critério de utilidade recíproca. (NICOLA, 2005, p.37)

---

Esse autor acrescenta ainda que a questão psicológica ocupa o próprio centro da nova psicologia. A teoria dos reflexos condicionados é a base sobre a qual deve ser construída a nova psicologia. Reflexo condicionado é nome daquele mecanismo que transfere da biologia para a sociologia e permite elucidar a essência mesma e a natureza do processo educacional.

Nesse contexto, a pedagogia é levada a operar com maneiras mais sintéticas de comportamento, com respostas integrais do organismo. Por isso a teoria dos reflexos condicionados pode constituir o fundamento para o presente fluxo. Na descrição e análise de formas de comportamento mais complexas tem-se de empregar plenamente todo o material cientificamente fidedigno da velha psicologia, traduzindo conceitos velhos para uma linguagem nova.

Como ciência da educação, a pedagogia precisa estabelecer com clareza e precisão como organizar essa ação, que formas ela deve assumir, de que procedimentos lançar mão e em que sentido. Outra tarefa consiste em esclarecer para si mesmo a que leis está sujeito o próprio desenvolvimento do organismo sobre o qual pretende agir.

Em função disso, a pedagogia abrange, essencialmente, diversos setores inteiramente particulares do conhecimento. Por um lado, já que levanta a questão do desenvolvimento, integra o ciclo das ciências biológicas, isto é, naturais. Por outro, uma vez que toda educação se propõe a determinados ideais, fins e normas, ela deve operar com as ciências filosóficas e normativas.

Por sua vez, a psicologia considera até mesmo as formas mais complexas da consciência como formas de determinados movimentos especialmente delicadas e imperceptíveis. Dessa maneira, a psicologia se torna ciência biológica por estudar o comportamento como uma das formas fundamentais de adaptação de um organismo vivo ao meio. Por isso vê o comportamento como processo de interação entre o organismo e o meio, e seu princípio explicativo passa a ser o princípio da utilidade biológica da psique.

Este artigo não colima exaurir o assunto que nele será tratado, ou, até mesmo, porém, consiste em realizar estudo evidenciando que a literatura pode servir como fonte de pesquisa e ensino da Psicologia da Educação. Será realizada uma

---

análise sobre o romance "O Ateneu", de Raul Pompéia. Com efeito, a área epistemológica é a Psicologia, podendo-se também utilizar, ao lado, a Linguística. A linguagem constitui roteiro para compreensão do psíquico, em especial, na área educacional.

Os assuntos ou temas escolhidos referem-se a necessidades humanas reconhecidas e anunciadas. Deve-se observar se existe alguma necessidade para o estudo de tal fato, sendo assim, observou-se que as obras literárias - em especial, as clássicas -, podem ser utilizadas em técnicas de ensino de Psicologia. Destarte, questiona-se, de que maneira as obras podem ser aproveitadas? Quais paralelos podem ser efetuados entre os romances e as realidades estudadas? Quais as reflexões e análises sobre o funcionamento linguístico devem ser feitas para privilegiar o raciocínio em lugar da memorização de nomenclaturas e definições?

Considerando que o objetivo geral revela a diretriz do conhecimento acadêmico ambicionado, envolvendo pesquisa e dissertação como uma sugestão ampla, define-se como tal a comprovação de que se pode utilizar o romance como fonte de pesquisa para compreender a educação. A partir do exemplo do texto literário "O Ateneu", tenciona-se demonstrar os problemas psíquicos que a escola autoritária produz no indivíduo. Pretende-se, destarte, demonstrar que o romance pode servir como subsídio para a pesquisa educacional.

A Psicologia, à semelhança de toda a Ciência, vive em crise diuturna, e a nova ciência vive o período de sua construção inicial. Contudo, isso não quer dizer que ela deva apoiar-se somente no seu próprio material. Ao contrário, é levada frequentemente a apoiar-se em todo o material cientificamente fidedigno de outras áreas do conhecimento.

À luz do magistério de Vigotski (2004, p. 8), uma vez que mudou na ciência o ponto de vista central e basilar sobre o objeto, tem-se sempre de dar um novo tratamento ao velho material, traduzir os velhos conceitos para a linguagem nova, elucidar e assimilar leis e fatos anteriores à luz das novas concepções.

Teorizar sobre algo é transformá-lo num objeto problemático, isto é, de interesse para um estudo de caráter metódico e analítico. Ora, o produto cultural que na atualidade se denomina de literatura (cuja designação variou ao longo da

---

história), desde que se fez presente na civilização ocidental, tem sido objeto de teorização no sentido amplo em que se está por ora empregando a palavra. Aliás, é preciso definir que a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental pelo fato de que textos literários figuram entre os indícios mais remotos da existência histórica dessa civilização (SOUZA, 2002, p. 8).

A escola deve considerar em seu trabalho as experiências de vida e as características psíquicas e socioculturais dos alunos a quem atende, buscando uma adequação pedagógico-didática à sua clientela, tornando possível um processo de aprendizagem realmente significativo (DAVIS, 1991, p.11).

Em estudo apresentado por Drügg (1999, p. 22), a Psicologia se constitui em um exemplo das necessidades geradas pelo advento de uma sociedade industrial capitalista na qual selecionar, orientar, adaptar e racionalizar são vistos como condições necessárias ao aumento da produtividade. Dessa maneira, a novidade apresentada pela Psicologia de Wundt – considerado como marco inicial da cientificidade da Psicologia -, não reside propriamente na mudança de objeto de estudo em relação ao que propunham os antigos filósofos, mas na introdução da abordagem experimental. Esse tornava a mensurar os fenômenos psíquicos ou a consciência conforme os ditames da nova ordem política e econômica.

Depois do desvelamento da face ideológica da Psicologia, colimando a hipótese inicial de que a psicologia e os psicólogos estariam veiculando interesses das classes hegemônicas, Patto (apud DRÜGG, 1999, p. 26) verifica que é necessário dar novo rumo à atuação do psicólogo na escola, o que passaria necessariamente por uma revisão da própria Psicologia. Mostrou-se contrária a posição, nada incomum entre os psicólogos, que supõe, para cada área de atuação, ser preciso outra psicologia.

Dessarte, a justificativa do presente estudo baseia-se no fato de que quanto mais informações os atores envolvidos no processo de aprendizagem tiverem dos conteúdos escolares, maiores serão as oportunidades de melhoramento das práticas pedagógicas. Percebe-se, assim, o grande valor teórico dos estudos psicológicos para a ciência da Educação e a exigência de se efetivar maior sincronismo entre a Psicologia e a Educação, na medida em que aumentam os reptos que as escolas devem adversar.

---

No curso do século XIX e parte do século XX, o estudo acadêmico da Psicologia esteve ligado ao da filosofia em muitos países, sendo considerada como uma “disciplina filosófica”. A independência da psicologia em relação à filosofia se desenvolveu quase sempre no curso da constituição da psicologia como ciência empírica e dos trabalhos de psicologia experimental, como os “Laboratórios de psicologia experimental”, do tipo do de Wundt na Alemanha e do de Titchener nos Estados Unidos (MORA, 2001, p. 2411).

No ano de 1879, criou-se o laboratório de Psicologia de Wundt, sendo considerado assim como o marco inicial da psicologia científica. Decorridos mais de cem anos, o que se observa é uma variedade de escolas e orientações, percebendo-se que a psicologia ainda não conseguiu atingir seu objetivo de constituir uma unidade teórica-metodológica, existindo apenas uma unidade ideológica (DRÜGG, 1999, p. 22).

No curso de quase todo o século XX, na maior parte dos países, pode-se falar da psicologia como ciência, independentemente da filosofia no sentido de que não é estudada já como uma disciplina filosófica, embora esteja relacionada à filosofia pelo menos na medida em que seus métodos, conceitos e pressupostos podem ser objeto de estudo filosófico.

Mora (2001, p. 2411) esclarece ainda sobre a existência de uma “filosofia da psicologia”, embora, na verdade, essa não tenha prosperado na medida em que isso ocorreu com a filosofia da física, da biologia e até da linguística.

Quanto à temática do presente estudo, podem-se ressaltar os dizeres de Maluf (2006, p. 135) o qual destaca que foi a partir da segunda metade da década de 1970 que se evidenciou no Brasil um crescente movimento de reflexão e crítica sobre as relações entre Psicologia e a Educação, buscando compreender os determinantes históricos e sociais da formação e da atuação do psicólogo escolar.

Essa autora acrescenta que essa nova Psicologia Escolar não se apresenta sob um paradigma unificado. Sua forma emergente é multifacetada, porém portadora de expressões comuns que a identificam. Ela pode ser reconhecida mais pelas ações dos profissionais do que pelo discurso.

Leite (2002, p. 169) relata que na análise do processo criador, o psicólogo

---

tem possibilidade de utilizar critérios extraliterários e atingir relativo rigor na explicação. Embora, ainda se esteja muito longe de se chegar a uma situação ideal, a psicologia tem condições de oferecer muitos caminhos para a investigação e superar afirmações mais ou menos místicas sobre o pensamento produtivo. Isso é compreensível, pois o processo criador, apesar de grande complexidade, é um processo adaptativo, uma forma de interação do organismo com o ambiente.

Como essa interação opera pelo domínio da Psicologia, augura-se dessa a descrição, a compreensão e, finalmente, a explicação do pensamento produtivo não apenas na literatura, mas em todos os domínios da atividade humana.

De outro vértice, o termo educação, de acordo com entendimento de Perini (2003, p. 9):

- a) o campo relativo às três fases do processo educativo e, mais precisamente: a formulação dos objetivos ou filosofia da ciência; a oferta das possibilidades de aprendizagem, denotada como instrução; a avaliação, o controle e a interpretação dos resultados da aprendizagem;
- b) a metodologia para elaborar procedimentos de pesquisa mais rigorosos e melhores teorias.

Essa autora acrescenta ainda que a filosofia da ciência, que está na base da formulação de objetivos educacionais, é um produto da cultura: os critérios de identificação são paradigmáticos do nível evolutivo da sociedade que os adota.

A educação muda mais atualmente do que mudou desde a criação da escola moderna há mais de trezentos anos de acordo com destaque de Drucker (apud SANTOS, 2002). Dessa maneira, a educação não pode limitar-se exclusivamente ao trabalho da escola, uma vez que já se cruzou de uma sociedade industrial em direção a uma sociedade de serviços, o que acarreta em nova combinação entre a educação e os negócios. Esse autor destaca que toda instituição deve transformar-se em um professor.

Nesse sentido, Santos (2002) também enfatiza que um novo mundo emerge a cada trinta ou quarenta anos, e os jovens não são capazes de compreender como seus pais e avós viviam em épocas passadas. Tal fato pode ser identificado, por exemplo, no decorrer do século XIII, quando na Europa, aconteceu a emigração em grande escala para as cidades, dando origem à rápida formação dos grupos sociais dominantes e o comércio entre povos mais distantes.

---

Ainda no século XV, deu-se a invenção da imprensa por Gutenberg, em seguida, a Reforma da Cristandade liderada por Lutero, a Revolução Industrial, o motor a vapor. Nesse período, Adam Smith ( apud SANTOS, 2002) deu a lume o clássico “A Riqueza das Nações”.

Já no século XX, verifica-se o desenvolvimento das sofisticadas tecnologias de informação e comunicação, provocando significativas modificações no mundo, nos diferentes níveis e instituições da sociedade. Em outras palavras, as transformações que acompanham a evolução das tecnologias perpassam a sociedade como um todo, sua economia, política, cultura, religião e educação.

A sociedade contemporânea passa por um momento de transformações substanciais em todos os campos. Na sociedade, nomeada por Drucker (apud SANTOS, 2002) de pós-capitalista, o conhecimento é o principal recurso e sua característica dominante pode ser concebida como uma sociedade de organizações.

Vale para a psicologia da educação aquilo que é crítico em toda disciplina aplicada: a sua relevância depende, em larga escala, da definição do objeto a que se dedica.

Nesse contexto de grandes mudanças, a escola representa uma instituição desenvolvida pela humanidade para socializar o saber sistematizado, de acordo com entendimento de Penin e Vieira (2002). No entanto, sua função social tem apresentado grandes variações ao longo do tempo, relacionando-se aos diferentes momentos da história, às culturas de países, regiões e povos. Isso se deve ao fato de que cada sociedade e cada cultura geram as próprias formas de educação e escolarização. Todavia, ao mesmo tempo, a educação em nível mundial consegue manter determinadas constâncias, ou seja, valores e formas de convivência social que constituem a essência da tarefa escolar.

Em consonância com Perini (2003, p. 16), para alguns estudiosos, a Psicologia da Educação já dispõe de um patrimônio de dados empíricos que lhe permite programar a pesquisa de modo autônomo, buscando objetivos originais e integrando os resultados no âmbito das próprias teorizações.

Nas derradeiras décadas do século XIX, surgem propostas para estatísticas morais, estudam-se centros corticais psicológicos, fala-se da psicologia da

---

percepção e das representações, da hereditariedade psicológica, entre outros. Herdeira do positivismo que toma conta da Medicina em meados da terceira década do século XIX, a Psicologia desenvolve-se a partir da ideia de organismos; e, no Brasil, vinculada aos primeiros Cursos de Graduação em Medicina e Direito, criados após a chegada de João VI (CRUCES, 2006, p. 17-18).

Perini (2003, p. 15) acrescenta que a década de 1920 pode ser considerada a apresentação formal da psicologia da educação, como disciplina específica e autônoma, período em que o movimento funcionalista realçava a exigência da psicologia se tornar útil, sendo determinante para que os psicólogos iniciassem uma atividade mais sistemática de pesquisa na escola e, destarte, passassem a reconhecer como objetos de estudo de importância primária os problemas práticos ligados à relação ensino-aprendizagem.

Cruces (2006, p. 18) credita também que a demanda da profissionalização da Psicologia começa a existir na década de 1920, mas com o incremento das atividades psíquicas desencadeadas pela Revolução de 30 surgem as primeiras preocupações com a formação desses profissionais e o credenciamento de cursos nos quais eles pudessem ser devidamente preparados.

Ainda alicerçados na ótica de Perini (2003, p. 20), em que a perspectiva funcionalista, inspirada pelo paradigma evolucionista de Darwin, singulariza como objeto de estudo as funções da mente e desvia o centro da pesquisa para o comportamento ajustado, que foi benéfico para garantir a sobrevivência de cada indivíduo. Para o crescimento do funcionalismo e para a sua propagação no campo da Psicologia da Educação em desenvolvimento, foi determinante a participação de dois cientistas: John Dewey e James R. Angell.

Ao perflustrar as teses propugnadas por Platão e Aristóteles, Leite (2002, p. 341) alerta para o pequeno avanço que os pesquisadores tiveram na apreciação crítica da influência da leitura. Platão, na República, diz:

A primeira coisa a fazer será manter uma censura dos autores de ficção, e deixar que os censores aceitem as boas histórias e recusem as más; desejaremos que as mães e pajens contem apenas as histórias permitidas, e modelem – com as boas histórias – a alma das crianças, com mais cuidado do que o que empregam para modelar o seu corpo. Mas a maioria das histórias atuais deve ser rejeitada (PLATÃO em A República, in: LEITE, 2002, p.341).

---

Pode-se observar que Platão desaprova a literatura, presumindo que a ficção tenha a capacidade de influenciar negativamente o leitor. Por sua vez, Aristóteles (apud LEITE, 2002, p. 341) estima que “a catarse seja uma forma de expressão ou libertação de tendências preexistentes no indivíduo”.

Ainda no alvitre do autor supracitado, pode-se perceber que, historicamente, a proposição de Platão é a mais aceita, provavelmente porque se aproxima mais do senso comum. Entretanto, ao aprofundar um pouco mais a análise, pode-se verificar que Platão desaprovava a literatura tradicional, considerando que desejava estabelecer um novo sistema de educação.

Por sua vez, nas críticas à literatura contemporânea, rejeita-se a exposição de valores antagônicos ao arquétipo clássico. Da mesma forma, não é difícil constatar que a maior oposição dos censores da literatura diz respeito à exposição da vida sexual, o que seria contraditório à teoria de Platão.

Como os indivíduos, as Ciências também apresentam uma fase juvenil de afirmação criadora de luta pela independência. Da mesma forma que acontece com os jovens, essa busca de liberdade se manifesta através do domínio dos outros e da conquista. Quando, no século XVII, Descartes descobre o valor do método matemático, pretende subordinar todos os conhecimentos à *mathesis universalis*<sup>4</sup>; não se contenta com um método para todas as ciências, e procura mostrar a possibilidade de provar, geometricamente a existência de Deus (LEITE, 2002, p. 21).

Dentro dessa conjuntura, parece desnecessário discutir a legitimidade da análise psicológica da literatura, pelo menos, quando apresentada de forma modesta e limitada. Poder-se-ia dizer, em primeiro lugar, que é impossível comentar uma obra sem que se faça menção a processos psicológicos, e que a escolha do crítico não consiste em utilizar, ou não, a Psicologia, mas em utilizar a psicologia do senso comum ou a psicologia científica.

Leite (2002) diz que essa é uma alternativa a ser discutida, pois é

---

<sup>4</sup> A matemática universal é o que se torna o mundo das ideias quando se supõe que a ideia consiste numa relação e numa lei, e não mais numa coisa. Kant tomou por realidade este sonho de alguns filósofos modernos; ainda mais, acreditou que todo conhecimento científico seria apenas um fragmento separado, ou melhor, um sinal antecipador da matemática universal. A partir daí a principal tarefa da crítica consistia em fundar esta matemática, isto é, em determinar o que deveria ser a inteligência e o que deveria ser o objeto para que uma matemática ininterrupta pudesse ligá-los um ao outro (SILVA, 1994, p. 81).

---

praticamente impossível descrever uma obra sem fazer referência, direta ou indireta, a ocorrências psicológicas tais como a imitação, a sugestão, a percepção de formas, a descrição de personagens, a aprendizagem do gosto e assim por diante.

Santos (2008) acrescenta que a literatura é vista como um dos elementos de construção do pensamento social, já que ambiciona uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade quando evidencia crenças e percepções pessoais, permitindo que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Entre os brasileiros, nesse sentido, a literatura ganhou espaço desde o período colonial. Porém, apenas a partir de meados do século XIX que se consolidou, visto que passou a ter uma maior interação entre o autor e o público.

Nesse contexto, a obra “O Ateneu” de Raul Pompéia, trata-se de um romance que é um diário de um internato: as aulas, a sala de estudos, a diversão nos banhos de piscina, as leituras, o recreio, o que acontecia nos dormitórios, no refeitório e as disputas. O mundo da escola é sempre visto e retratado a partir da perspectiva particular de Sérgio (expressionismo). Dessa maneira, a instituição, os colegas, os professores e o diretor Aristarco são representados em função de determinada ótica, visivelmente caricatural, em que os erros, hipocrisias e ambições são projetados e realçados.

Combinando regozijos e tristezas, decepções e entusiasmos, o ator principal da obra - Sérgio, pacientemente reconstrói, através da memória, a adolescência vivida e perdida entre as paredes do referido internato. A história finda com o incêndio do Ateneu pelo estudante Américo. Nesse incêndio, o diretor fica perdido, estático com o que está acontecendo com seu patrimônio e acaba sendo abandonado pela esposa naquele mesmo dia.

O mundo não existe sem uma forma de linguagem. Tentar imaginar a vida humana sem a linguagem e suas diversas formas de expressar-se não é um exercício ocioso. O livro em análise apresenta os temas fonética e fonologia de forma diferente dos métodos de ensino geralmente desenvolvidos nas disciplinas (MAIA, 1991, p. 6).

A literatura tem origem na evolução natural e espontânea da tradição oral e

---

sua fonte natural é representada pelas pessoas que, transmitindo suas impressões e experiências, ora engendram mitos supersticiosos para explicar, fantasticamente, os fatos e os fenômenos da natureza; ora histórias e episódios heróicos, exaltando seus valentes guerreiros; ora fantasia, acontecimentos sentimentais ou místicos, criando, dessa forma, extraordinárias fontes literárias (CARVALHO, 1959).

De acordo com Carvalho (1959), a tradição oral representa a origem não apenas da literatura, mas também de toda manifestação do pensamento humano. É, portanto, de “contar e ouvir” que surgiu toda a literatura. A palavra é o mais notável privilégio do homem. É por meio da palavra que se forma o lastro do conhecimento humano, que se transmite de geração a geração, de sociedade para sociedade, alterando-se, mas conservando o seu sentido original.

Para Mendonça (1973), a fala é a atualização, real, concreta, singular do que ao nível genérico foi realizado por outra personagem. O primeiro chama-se significante; a segunda denomina-se história real. As pessoas habitam o segundo nos limites epistêmicos estabelecidos pela primeira e são sujeitos. Porém, esse significante é um lugar onde se marca a substituição. Quem o substitui é a comunidade que o atravessa pelos dois lados.

Esse autor acrescenta ainda que um primeiro que ela mostra, porque pensa qual é e onde as pessoas pensam ao reproduzi-la como centro da verdade chama-se consciente. As pessoas a pensam a partir do ponto suturado do significante que marca um conjunto de regras a cuja obediência está subordinada essa reprodução.

Do ponto de vista da lógica desse objeto, a distinção entre marcado pelo código e não marcado estabelece a armadura. Como esta é o ponto de irreduzibilidade da estrutura, lugar de atualização, do signo, ambas possuem características idênticas. A mais geral marca-se no lugar específico da mais particular (MEIRELES, 1973, p. 118).

Maia (1991) salienta que as palavras algumas vezes podem ser tomadas como signos mais precisos de uma linguagem artificial. Por convenção, elas podem até ser rótulos. Por outro lado, os seus recortes auditivos não necessitam ter manifestações físicas claras. Tem-se, portanto, nas línguas naturais, uma permanente e produtiva tensão entre a vagueza e a clareza.

---

Desde os primórdios da sociedade, o homem conservava todos os fatos e todas as lembranças através da tradição oral, com intenso colorido, devido a sua providencial imaginação que, naturalmente compensadora, supria também, muitas vezes, a memória. E contando-se, chegou-se à literatura. O conto é tão antigo quanto às comunidades humanas (CARVALHO, 1959).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde os albores da civilização, o homem procurou criar uma linguagem a fim de exprimir-se e comunicar-se melhor com seus semelhantes. As linguagens foram tantas quantas foram as populações antigas que, com o passar do tempo, aperfeiçoaram-se e enriqueceram-se com o grande número de vocábulos. Assim, ao conseguirem dispor de uma linguagem evoluída, os povos haviam dado o primeiro passo rumo a uma arte que se vale de palavras para expressar: a literatura (SCORNAIENCHI, 1975).

De acordo com Meireles (1984, p. 18), sempre que uma atividade intelectual se manifesta através da palavra, cai, desde logo, no domínio da literatura. A literatura, portanto, não abrange somente o que se encontra escrito, embora esse pareça o modo mais fácil de reconhecê-la, talvez pela associação estabelecida entre os termos literatura e letras. A palavra pode ser apenas pronunciada, pois é o fato de usá-la, como forma de expressão, independentemente da escrita, o que designa o fenômeno literário.

Para Meireles (1984, p. 19):

A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso, deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca.

As manifestações literárias primitivas decorrem das exigências da vida em comunidade, pela necessidade do entendimento e entretenimento entre os membros de um clã, para a evolução da sociedade, caminhando de forma progressiva. Para que se crie uma linguagem e, por conseguinte, uma literatura, a vida social é absolutamente necessária.

---

A linguagem é a carapaça e a antena humana. Ela protege contra os outros e informa a respeito deles, é um prolongamento dos sentidos humanos. O indivíduo está na linguagem assim como está no próprio corpo:

nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos as nossas mãos e os nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios (SARTRE, 1989, p. 19).

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura realizam-se por meio de uma grande variedade de práticas sociais. As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de “sistema de signos” para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para a geração seguinte (LOPES, 1995).

Lopes (1995) também diz que a relação entre o homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento. A relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos “signos”. Para que o pensamento transite de uma para outra subjetividade, deve ele formalizar-se em “signos”. Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca. A organização social dessas mediações atribui às linguagens a função de “sistemas modelizantes”.

Carvalho (1959) ressalta que a literatura é um elo entre os povos, sendo, portanto, uma necessidade. E, como a manifestação primitiva da literatura foi à linguagem oral, não se pode fixar sua origem. Ela veio de todas as partes do mundo e é realizada por todos os povos. Todas as grandes civilizações criaram sua própria literatura.

Nesse sentido, Sartre (1989), argumenta que o escritor é um falador, pois designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua. Se o faz no vazio, nem por isso se torna um poeta, mas um prosador que fala para não dizer nada. A arte da prosa se exerce sobre o discurso e sua matéria é naturalmente significativa. Portanto, de início, as palavras não são objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam ou desagradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa no mundo ou determinada noção.

---

Escrevendo acerca da literatura e de sua importância, Sartre (1989, p. 22), faz as seguintes colocações:

Ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo. E o estilo, decerto, é o que determina o valor da prosa. Mas ele deve passar despercebido. Já que as palavras são transparentes e o olhar as atravessa, seria absurdo introduzir vidros opacos entre elas. A beleza aqui é apenas uma força suave e insensível. Sobre a tela, ela explode de imediato; num livro ela se esconde, age por persuasão como o charme de uma voz ou de um rosto; não constrange, mas predispõe sem que se perceba, e acreditamos ceder a argumentos quando na verdade estamos sendo solicitados por um encanto que não se vê.

Para Sartre (1989), a literatura é caracterizada pela harmonia das palavras, sendo que esse equilíbrio das frases predispõem as paixões do leitor, sem que este se dê conta. Um escrito é uma empreitada, uma vez que os escritores desejam acertar em seus livros e, mesmo que mais tarde os séculos os contradigam, isso não é motivo para que os críticos os refutem por antecipação. Para o filósofo, o autor necessita engajar-se inteiramente nas suas obras, não como uma passividade abjeta, colocando em primeiro plano os seus vícios, as suas desventuras, as suas fraquezas, mas sim uma vontade decidida, empenhando-se em viver através de suas obras.

A literatura tradicional, isto é, a tradição oral, era transmitida de boca em boca, pelas mais singelas criaturas; ou levada a palácios, a cortes, reuniões ou vias públicas, por intermédio dos trovadores, dos jograis e outros divulgadores da literatura. Todo esse material foi se alterando, na medida em que era divulgado em meio as diferentes sociedades. É desse material que se serviram os escritores para a literatura escrita, afirma Carvalho (1959).

Todo esse acervo antigo, que conta com poemas mitológicos, poemas homéricos, poemas cavaleirescos e tantos outros, são fontes inesgotáveis para a literatura infantil nos dias de hoje. Dessa forma, se na antiguidade não havia um gênero infantil, visto que não se estabeleciam distinções psicológicas entre o adulto e a criança, o próprio conteúdo rudimentar e fantástico de então, que era transmitido oralmente, oferece, atualmente, temas interessantes ao gênero.

A tradição oral, primitiva, não distingue a criança do adulto. A criança era entendida como um adulto em miniatura que apenas se preparava para experiências

---

futuras. A distinção, conforme Carvalho (1959), certamente, situava-se entre o contador (que deveria ser o adulto baseado na experiência) e o ouvinte, onde se encontrava a criança. A criança deveria aprender a temer, a respeitar, a obedecer e a admirar, inspirada no conteúdo dos contos.

Esses contos constituíam uma satisfação para aqueles que se reuniam a ouvi-los ou contá-los. Representavam um verdadeiro elo de camaradagem, principalmente em se tratando de habitantes de regiões distantes, longe da vida social intensa, como os camponeses, os marinheiros, etc. Na época, era costume os reis terem, a seu serviço, contadores de histórias. Para Carvalho (1959), “contar e ouvir” é uma tendência natural do homem.

Historicamente, as Ciências da Linguagem e da fala alinham-se com a Psicologia de forma que uma maré racionalista siga uma maré empirista, que por sua vez provoca uma reação racionalista, e assim por diante. Entretanto, as relações entre a Psicologia e as Ciências Linguísticas não têm sido unilaterais. No momento, vive-se um clima fortemente racionalista em todas as disciplinas, originado na Linguística. Tudo começou no ano de 1959, com um ousado ataque à escola psicológica mais influente da época, o Behaviorismo, pelo então jovem linguista Noam Chomsky, que vê o indivíduo como um receptor passivo de estímulos, que aprende por imitação e repetição (MAIA, 1991, 12).

Ainda que Chomsky tenha argumentos muito fortes contra a Psicologia e a Linguística empiristas dos seus predecessores, a sua defesa de uma alternativa fortemente racionalista também deixa muitos insatisfeitos. Portanto, haveria uma terceira via entre o racionalismo e o empirismo que permitisse pensar a linguagem não como um reflexo do meio ou do indivíduo, mas como algo que se constitui na relação dos dois?

Como falante de uma determinada língua, é possível ter intuições claras sobre como se segmenta o fluxo da fala. Em outras palavras, o que a pessoa percebe ao ouvir português não é um contínuo, mas uma cadeia de sons discretos, que são denominados segmentos. Simbolizando cada segmento por um sinal gráfico e transcrevendo assim um grande número de palavras, é possível empreender um levantamento para buscar uma resposta àquela inusitada pergunta (MAIA, 1991, 13).

---

Em suma, é em virtude da arte de contar e ouvir histórias que a linguagem se desenvolveu e, com ela, a literatura que, inicialmente era transmitida oralmente e, posteriormente, passou a ser registrada, dando origem ao surgimento da figura do escritor.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil**. 3. ed. ampl. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 1959.
- CRUCES, Alacir Villa Valle. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (Org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- DAVIS, Cláudia. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DRÜGG, Ângela Maria Schneider. **O lugar da psicanálise na educação escolar**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. (Coleção trabalhos acadêmicos-científicos. Série dissertações de mestrado).
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala: a linguagem e seus sons**. São Paulo: Ática, 1991.
- MALUF, Maria Regina. Psicologia escolar: novos olhares e o desafio das práticas. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (Org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- MEIRELES, Antônio Sérgio L. Comunicação e linguagem. In: DA MATTA, Roberto et al. **Arte e linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1973. (Epistemologia e pensamento contemporâneo, 5).
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MORA, Ferrater J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. Tomo III.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna**. São Paulo: Globo, 2005.
- PENIN, Sonia T. Sousa; VIEIRA, Sofia Lerche. Refletindo sobre a função social da escola. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PERINI, Silvia. **Psicologia da educação: a observação científica como metodologia**

---

de estudo. São Paulo: Paulinas, 2003.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examapaku**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais São Paulo. v. 1 n. 1. P. 1-10, 2008. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/examapaku/article/view/70/26>>. Acesso em: 15 jan 2012.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento: revisada conforme NBR 1474:2005. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **O gestor educacional de uma escola em mudança**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SCORNAIENCHI, Darly Nicolanna. Literatura. In. ENCICLOPÉDIA DIDÁTICO-VISUAL DE PESQUISA ESCOLAR. **O saber em cores**. São Paulo: Maltese, 1975.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Bergson**: intuição e discurso filosófico. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção filosofia).

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2002. (Coleção Série Princípios).

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.